

Book Review



*Narayana Astra van
Amstel*

narayana.astra@gmail.com

*Universidade Federal do
Paraná, Brasil*

*Wanderley Marchi
Júnior*

marchijr@ufpr.br

TODT N, MIRAGAYA AMF, DACOSTA L. REINVENTANDO O ESPORTE E OS JOGOS OLÍMPICOS APÓS COVID-19: RETORNO A PIERRE DE COUBERTIN. 1. ED. – RIO DE JANEIRO: EMUSEU DO ESPORTE; 2020. ISBN 978-65-993425-2-3.

Trata-se de uma resenha crítica da obra “Reinventando o esporte e os Jogos Olímpicos após Covid-19: retorno a Pierre de Coubertin”, editada por Nelson Todt, Ana Miragaya e Lamartine DaCosta. Buscamos contextualizar o livro dentro do quadro de mudanças em ação pelo Comitê Olímpico Internacional, por meio das Agendas Olímpicas 2020 e 2020+5, em que parece manifestar-se, com maior força no período pós-pandêmico, determinadas expectativas de mudanças no esporte. Cientes desse cenário, os autores da obra tentam pavimentar uma discussão para repensar o esporte, alicerçados nas contribuições do criador do Olimpismo, o barão Pierre de Coubertin, trazendo à tona suas ideias que ainda parecem ser úteis para encarar os desafios da atualidade.

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v6.id158](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v6.id158)*

Recebido: 20 ago 2022

Aceito: 23 set 2022

Publicado: 05 dez 2022

No dia 10 de março de 2021, na 137ª sessão do Comitê Olímpico Internacional (COI), o presidente Thomas Bach era reeleito para mais um mandato até 2025. À frente da instituição desde 2013, sua gestão tem sido marcada por uma série de mudanças no futuro olímpico, as quais estão situadas em um contexto de grandes problemas para lidar: grandes escândalos de *doping*^{*}, cidades-sede envoltas em violações de direitos humanos[†], falta de transparência contra a corrupção[‡] e a queda do interesse de jovens pelo evento[§], entre outras questões. Em vista desses obstáculos, o COI buscou instituir, nos últimos anos, uma série de mudanças com o intuito de ‘atualizar’ a gestão dos Jogos Olímpicos diante das novas demandas.

Exemplos dessas tentativas de inovação olímpica não são difíceis de encontrarmos. Em dezembro de 2014, o COI, após uma votação sucinta, marcava a história do esporte ao anunciar uma agenda propositiva de quarenta recomendações para mudanças nos Jogos Olímpicos. O programa de alterações, apresentado como ‘Agenda Olímpica 2020’¹, trouxe um rol de recomendações, entre as quais destacamos: A) reforço da sustentabilidade (por meio do reaproveitamento de estruturas já existentes), B) a defesa da igualdade de gênero (ao apoiar, por exemplo as provas mistas), C) o combate ao *doping* (por meio do aumento do investimento de proteção aos atletas limpos), D) a facilitação das candidaturas de novos países, E) a flexibilização da entrada e retirada de modalidades dos calendários de competições, F) a parceria fortalecida com a UNESCO na inserção de valores olímpicos nos currículos escolares; entre tantas outras mudanças de uma extensa lista a qual se tornaria exaustivo, e talvez desnecessário, analisa-la nesse momento.

No que pese o impacto que a Agenda Olímpica 2020 trouxe para o cenário esportivo, as propostas de mudanças não pararam ali: a já citada reunião que elegeu Thomas Bach para conduzir o COI também aprovou, novamente por unanimidade, a ‘Agenda Olímpica 2020+5’², na qual, em um movimento um tanto inesperado, passou a não só apoiar como também a demonstrar o interesse em “[...] encorajar o desenvolvimento de esportes virtuais e posterior engajamento com as comunidades de

* Ler mais em: https://cultura.uol.com.br/esporte/noticias/2020/12/17/534_por-escandalo-de-doping-russia-e-proibida-de-participar-de-olimpiadas-de-toquio-e-copa-do-catar.html

† Ler mais em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/edgardalves/2022/01/protestos-por-direitos-humanos-ameacam-esquentar-jogos-de-inverno.shtml>

‡ Ler mais em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/deportes/1563489208_798975.html

§ Ler mais em: <https://abcnews.go.com/Entertainment/wireStory/factors-contribute-nbcs-low-olympic-ratings-82738705>

jogos eletrônicos”^{**} (p. 22, tradução livre)². Ainda que manifestando a vontade de não apoiar jogos considerados violentos e discriminatórios, a medida é reconhecida pelo próprio COI como motivada pela movimentação financeira de mais de 159 bilhões de dólares durante a pandemia de COVID-19. Para além disso, não devemos perder de vista a busca frenética do COI de tentar recuperar o público jovem que se encontra em queda vertiginosa nas competições olímpicas, tal como demonstrado por Weed et al³. As inclusões recentes de modalidades como escalada, *break dance*, *skate* e surfe são indicativos dessa tentativa de captar novos públicos jovens.

Se, em condições normais de temperatura e pressão, os Jogos Olímpicos já encontravam dificuldades, a pandemia escancarou-as, com a supressão de público e protestos pelo cancelamento do evento. Com tantos obstáculos, seria possível manter os Jogos Olímpicos ‘interessantes’, quando até mesmo seu retorno financeiro é comprometido? Além disso, estaria o COI preservando os valores educacionais e humanistas – por exemplo, a busca da paz internacional pelo esporte - que consagraram os Jogos Olímpicos no gosto do público, décadas atrás?

Nesse complexo cenário que se apresenta, a obra ‘Reinventando o esporte e os Jogos Olímpicos após covid-19: retorno a Pierre de Coubertin’, editada pelos professores Nelson Todt (PUC – RS), Ana Miragaya (UNESA) e Lamartine DaCosta (UERJ), a qual consiste em um esforço coletivo de professores, inseridos no debate acadêmico do Olimpismo, em vista de repensar o esporte perante o contexto pós-pandêmico. A base da discussão é orientada pelos escritos do barão Pierre de Coubertin, criador do Olimpismo, tendo por objetivo recuperar seus conselhos e orientações que poderiam fornecer ferramentas de reflexividade ao cenário atual.

Publicada em 2020, simultaneamente em três idiomas – português, inglês e espanhol – e sendo disponibilizada gratuitamente^{††}, o que denota sua capacidade de alcançar o maior público possível, a obra congrega 25 autores, alguns dos quais bem reconhecidos pelos estudos olímpicos e do esporte, tais como Jim Parry, Gustavo Pires, Stephan Wassong e Cesar Torres, entre outros.

Com tantos textos integrando a mesma obra, fica complexo resumir as diferentes opiniões manifestadas por cada um deles. Pensamos, nesse sentido, em uma síntese que

^{**} *Encourage the development of virtual sports and further engage with video gaming communities.*

^{††} A obra pode ser acessada em: <https://www.coubertinbrasil.com.br/livros/reinventando-esporte.pdf>
Acesso em agosto de 2022.

parece nortear algumas das propostas argumentativas. Por exemplo, ao demonstrar a abertura de Coubertin para as inovações tecnológicas que permeavam o cenário esportivo de sua época, tal como os novos cronômetros com precisão elevada, as fotografias e o telégrafo impulsionando a cobertura midiática, o cinema esportivo de Leni Riefenstahl, a padronização internacional do sistema métrico, entre tantas outras mudanças tecnológicas, levaram um dos autores da obra, Héctor Horacio Henry, a propor que o esporte olímpico contemporâneo deve aumentar seu diálogo com os avanços tecnológicos atuais, sem medo de testar suas aplicações.

Outros autores, como Cesar Torres e Francisco Javier López Frías, tentam pensar como os valores do Olimpismo encontram-se em tensionamento e até mesmo contradição com os *Esports*, principalmente no que se refere ao problema do sedentarismo e das interações sociais apenas virtuais, algo que provavelmente preocuparia Coubertin. Sugerem, nesse sentido, que o COI mantenha em análise quais diálogos os valores olímpicos permitem com os *Esports* sem que isso resulte em uma incompatibilidade. O professor Jim Parry, apresentando sua proposta conceitual do que constitui por essência o esporte olímpico, demonstra que as características que definem a ideia de esporte estão intrinsicamente associadas com valores morais e educacionais. Partindo dessa premissa, Parry acredita que tentar reinventar o esporte deve levar em consideração tal conjunto de fatores conceituais e, também, de valores humanos, para que o atributo de universalidade do esporte não seja comprometido.

Já Lamartine DaCosta alerta que, em tempos pandêmicos, aumentou-se entre os países valores de isolacionismo e protecionismo, com um período de regressão econômica em vista. Tendo por orientação o internacionalismo, a cooperação e a igualdade, tais como pensados pelo Olimpismo de Coubertin, DaCosta sugere que o contexto atual providenciará limites aos interesses comerciais que tem guiado os megaeventos olímpicos até então.

Outros autores, como Marion Keim e Leonardo Mataruna dos Santos, tentam pensar por meio de Coubertin o esporte pós-pandêmico como ferramenta de reintegração global, resgatando a importância da Trégua Olímpica como mecanismo para a paz e o desenvolvimento entre os povos, em um momento em que a doença desuniu a sociedade em vários aspectos.

Embora fique evidente que existe uma certa versatilidade na interpretação e aplicação do pensamento de Coubertin, principalmente ao se tratar de um contexto que não foi vivido por ele mesmo, isso em nada desmerece o esforço dos autores de se tentar inspirar a preservação do ideário do Olimpismo perante suas adversidades mais recentes. Poucos anos após a morte de Coubertin, os Jogos Olímpicos que seriam realizados em Tóquio em 1940 precisaram ser cancelados por conta da 2ª Guerra Mundial estar em seu ápice. Em 2020 os Jogos Olímpicos de Tóquio também precisaram ser remanejados por uma crise internacional, agora de aspecto sanitário. Nos períodos marcados pelas guerras mundiais, o esporte foi repensado por aqueles que foram encarregados de passar para as futuras gerações o legado do Olimpismo. Fenômeno similar parece ocorrer agora, e é relevante que isso esteja partindo de professores e pesquisadores da área do esporte e do Olimpismo.

Em um contexto acadêmico onde se tornam abundantes perspectivas “pós”, tais como pós-modernistas, pós-estruturalistas, pós-racionalistas e até pós-olímpicas, entre tantos outros que poderíamos lembrar, acaba-se por criar condições para uma certa mentalidade carente de bases sólidas para leituras da realidade social. Isso pode se transfigurar em uma certa insegurança e até pessimismo perante instituições que até então pareciam consolidadas. Isso não foi diferente com o esporte e os Jogos Olímpicos. Se no passado Coubertin presenciou o surto de Gripe Espanhola e dois conflitos de escala mundial, a ameaça contemporânea que se apresentou ao cenário esportivo foi de ordem biológica, com uma epidemia de proporções tamanhas que colocaram em dúvida a necessidade do esporte e do Olimpismo naquele momento.

Em uma situação como essa, retornar aos ideais de Coubertin para refletir exigências do contexto se demonstra uma necessidade para que as discrepâncias entre ideal *versus* real não se acentuem demasiadamente, nem que se abandonem elementos que poderiam ser considerados essenciais para o que ainda pode, de alguma forma, ser considerado Olimpismo.

Nos parece que a possibilidade de se retornar à Coubertin para repensar certas características do Olimpismo é viável justamente por conta dos escritos do Barão apresentarem um desejo por valores que perduram no conjunto de ideias atuais: a defesa da ordem democrática, da liberdade, da importância do esporte, entre outros. Como todo clássico que se preze, os escritos de Coubertin parecem tratar de categorias atemporais,

em certo sentido essenciais ao ser humano. Se há um desejo de se reinventar o esporte para adequá-lo às demandas atuais, deve-se fazer isso em diálogo com as bases que o prefiguraram, para não se perder de vista suas características marcantes. Nesse sentido, a obra “Reinventando o esporte e os Jogos Olímpicos após Covid-19” nos pareceu um texto rico para diagnóstico e prognóstico do esporte pós-pandêmico.

Referências

- 1 COI – Comitê Olímpico Internacional. Olympic Agenda 2020 20+20 Recommendations [citado 05 dez 2022]. 2020. Disponível em: https://stillmed.olympic.org/Documents/Olympic_Agenda_2020/Olympic_Agenda_2020-20-20_Recommendations-ENG.pdf
- 2 COI – Comitê Olímpico Internacional. Olympic Agenda 2020 + 5: 15 Recommendations [citado 05 dez 2022]. 2021. Disponível em: <https://stillmedab.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/IOC/What-We-Do/Olympic-agenda/Olympic-Agenda-2020-5-15-recommendations.pdf>
- 3 Weed M, Coren E, Fiore J, Wellard I, Chatziefstathiou D, Mansfield L, Dowse S. The Olympic Games and raising sport participation: a systematic review of evidence and an interrogation of policy for a demonstration effect. *European sport management quarterly*, 2015;15(2):195-226.